

— Por que a pergunta, Samuel ?

— Eu também votei.

Depois de uma pausa:

— O senhor sabe o que ele me fez?

— Não. Ofendeu-te ?

— Liquidou a minha vida.

— Mas, como ?!

— Com esse novo Decreto sobre o horário de entrada e saída dos funcionários.

— Mas não te atinge.

— Como não atinge, professor ?! Eu entrava aqui às cinco horas da manhã e saía às quatorze para almoçar.

— E, então ?

— Ele diminuiu as minhas horas de trabalho. Só posso ficar aqui, como porteiro, sete horas por dia... Tenho que entregar o serviço ao meio-dia.

— E de voz rouca:

— Quer botar-me para fora desta Casa...

“TRÊS EPISÓDIOS COM MESTRE TITO”

ALBERTO DEODATO

Meu primeiro contato com mestre Tito, foi na banca examinadora de meu concurso de livre-docente de Direito Internacional Público. Depois de José Eduardo virar a minha tese “Da Doutrina de Monroe”, pelo avesso, observou Mendes Pimentel, presidente do ato:

— Agora, é o professor Tito...

O mestre de óculos pretos, ouvira os exames anteriores, de cabeça baixa, dando-me a impressão que estivesse dormindo.

Quando chegou a sua vez, tirou os óculos pretos, esfregou o rosto com as duas mãos e começou:

— Seu doutor: soube pela sua tese, que o senhor também se dedicava aos estudos de Direito. Pensei que não tratasse disso e fosse, apenas jornalista. Em todo caso, é tudo a mesma coisa...

Deu uma gargalhada rouca. E virando-se para mim:

— Estará aprovado comigo se me disser quem primeiro, teve no Brasil, à idéia dessa Doutrina de Monroe...

Respondi-lhe incontinentemente.

O mestre deu uma gostosa gargalhada:

— Meu amigo, acertei quando disse que jornalista e internacionalista não se distanciam.

Na verdade, a resposta saiu, rápida porque foi no jornal, que aprendi isso. Foi lendo, por acaso a "Revista Americana" que o Itamarati editava, um artigo do Barão do Rio Branco revelando o fato. Não havia compêndio ou tratado que o mencionasse.

Nunca Mestre Tito deixou de ler. Estava a par de tudo que se escrevia em Direito. Querem ouvir? Falava-se, em 1930, que ilustre secretário do Governo iria concorrer à Cátedra de Direito Público. Era possível que fosse eu um dos examinadores. Corria que o candidato iria abafar. Talvez a banca examinadora não estivesse à altura do examinado. E como a novidade era a Escola Austríaca, com Preuss e Kelsen pontificadores, diziam que o candidato, que sabia alemão, conhecia profundamente os dois juristas. Para não fazer feio, fui a Mestre Tito. Pedi me arranjassem com o professor Estevam Pinto, diretor do Banco Hipotecário, remessa de dinheiro para uma livraria francesa enviar-me as obras dos austríacos:

— Obras de quem?

— Da Escola Vienense, de Direito Público...

— Para que buscar? Tenho tudo, há mais de dez anos, nas minhas prateleiras, à Avenida Paraná...

E o último encontro, poucos dias antes da morte do Mestre. Coincidia o nosso horário de aulas. Encontrei-o de olhos marejados, fincados no chão.

— Que houve, professor ?

E ele, com voz embargada:

— Desapareceu meu Código Civil Comentado. Foi presente de minha filha, há muitos anos. Tinha tudo anotado e comentado...

Levantou-se. Dirigiu-se ao Samuel. Fez, em aula, um apelo aos rapazes. Toda turma ficou pesarosa com a emoção do Mestre. Foram procurar o livro. Quatro dias depois, o Mestre recebe, em longa carta comovedora, o seu livro de volta. A missiva, sem assinatura, terminava: "Há de perdoar-me o Mestre o aborrecimento que lhe dei. Perdoe-me".

E Tito, mostrando-nos a carta:

— A mocidade é sempre generosa...

Tenho a impressão que os três episódios dizem bem do homem e do mestre. É insubstituível. Ninguém escreveu, no meu entender, Direito Civil com mais sabedoria e mais síntese. Por isso, dizia o português Cunha Gonçalves:

— "Tito Fulgêncio foi o homem que mais sabia Direito Civil em todo o mundo que escrevia na nossa língua".

"PEDRO MATA MACHADO"

ALBERTO DEODATO

No dia 29 deste, se estivesse vivo, completaria cem anos o Professor Pedro Mata Machado. Quero prestar-lhe esta homenagem. Lembrá-lo. Recordar-lhe a figura às centenas de advogados que passaram pelas suas aulas. Quanto a mim, foi meu examinador no concurso para livre-docente de Direito Internacional Público. Tinha eu pouco mais de vinte e sete anos. Não conhecia a banca examinadora. A minha audácia desapareceu. Estava diante de homens grandes demais. Pavor à ironia deliciosa de José Eduardo da Fonseca. Receio da cara séria de Rodolfo Jacob. Um nada em frente